

## A TÉCNICA DA CONSTRUÇÃO DA “LINHA DO TEMPO” COMO INSTRUMENTO PARA ANAMNESE EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA

**Thalita Lacerda Nobre**

Pós doutoranda em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil  
thalitaln@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo pretende discutir a técnica denominada “linha do tempo” desenvolvida para auxiliar no trabalho de anamnese em psicoterapia de orientação psicanalítica. Partindo da experiência clínica obtida em consultório particular e serviço público, a autora pode perceber a utilidade, para o psicoterapeuta e para o paciente a construção de uma linha delimitada pela cronologia. Em ampliação desta técnica aos estagiários de graduação em Psicologia, pode-se obter retornos interessantes diante da organização da realidade da história pulsional e identificatória apresentada pelo paciente. Com isso, percebe-se um instrumento útil para a observação da transferência e das repetições contidas no material expressado pelo paciente. Também, a partir da percepção do modo como este constrói sua “linha do tempo”, é possível, utilizando o referencial psicanalítico, com as contribuições de Piera Aulagnier, ter acesso à expressão do projeto identificatório e, com isso, as hipóteses sobre as estruturas psíquicas.

**Palavras-chave:** Psicologia. Entrevista. Psicoterapia.

## THE TECHNIQUE OF "TIMELINE'S" CONSTRUCTION AS A TOOL FOR ANAMNESIS IN PSYCHOANALYTIC PSYCHOTHERAPY

### ABSTRACT

This article aims to discuss the technique called "timeline" developed to assist in the anamnesis's work in psychoanalytic psychotherapy. Starting from the clinical experience in private and public service office, the author can see the usefulness, for the therapist and the patient building a line bounded by chronology. In expanding this technique to undergraduate interns in psychology, one can get interesting returns on the organization of the reality of pulsional and identificatory story presented by the patient. Thus, we can see a useful tool for observing the transfer and repetitions contained in the material expressed by the patient. Also, from the perception of how it builds your "timeline" it is possible, using psychoanalysis, with contributions from Piera Aulagnier have access to the identificatory project expression and, therefore, the assumptions on structures psychic.

**Keywords:** Psychology. Interview. Psychotherapy.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir a técnica de investigação da história pessoal e clínica do paciente que inicia o processo psicoterapêutico, denominada de “linha do tempo”. Tal técnica, fundamentada a partir da psicanálise como teoria, técnica e método terapêutico, tem o intuito de sistematizar o processo de autoconhecimento, promovido pelo paciente e de conhecimento sobre o outro e integração, promovido pelo psicoterapeuta.

Esta técnica parte do pressuposto freudiano, de 1937, exposto em “Construções em análise” (FREUD, 1996a), de que o objetivo do processo psicanalítico é auxiliar o paciente a fim de que este possa substituir as repressões por uma condição de maturidade egóica, tanto quanto for possível. Para essa empreitada, Freud (1996a, p. 275) postula que o paciente “[...] deve ser levado a recordar certas experiências e os impulsos afetivos por ela invocados, os quais, presentemente, ele esqueceu”.

Esse esquecimento, para Freud (1996a), pode ter se dado por consequência da instalação de sintomas e inibições no psiquismo do sujeito e podem ser acessados por meio dos sonhos, atos falhos e chistes, apesar de emergirem de modo deformado. Por meio da técnica da associação livre, Freud (1996a, p. 276) aconselha os psicanalistas a observarem as repetições dos afetos “[...] pertencentes ao material reprimido que podem ser encontradas em ações desempenhadas pelo paciente, algumas bastante importantes, outras, triviais, tanto dentro quanto fora da situação analítica”. Sendo assim, ao analista é necessário atentar ao que se apresenta, na maior parte das vezes, de modo distorcido, mas que se repete com a função de comunicação de um sofrimento psíquico que necessita ser escutado. Neste sentido, a escuta deve ter o intuito do auxílio do paciente à construção de sua própria história.

Essa construção, que, de acordo com Freud (1996a), é na verdade uma reconstrução, pode ser auxiliada à medida que o paciente possa ser direcionado para a organização na dimensão temporal.

Piera Aulagnier (1975, p. 160) entende que o Eu, ao se constituir, compreende “[...] o conjunto das posições e enunciados identificatórios nos quais ele, sucessivamente, se reconheceu”. Neste sentido, o Eu guardará em si os enunciados que ele mesmo pode se

reconhecer, podendo ser acessado, quando houver necessidade. Porém, de uma outra parte, assim como Freud mesmo postula, o psiquismo passa a não ter acesso, pois foi reprimido ou esquecido, já que, não traria ao Eu a condição de reconhecimento ou traria sofrimento ao ser reconhecido. Nas palavras de Piera Aulagnier:

O Eu é constituído por uma estória cuja lembrança ele conserva, pelos enunciados que manifestam, *no presente*, sua relação ao projeto identificatório e, enfim, pelo conjunto dos enunciados em relação aos quais ele exerce sua ação repressora, para que eles permaneçam excluídos de seu campo, de sua memória, de seu saber. (PIERA AULAGNIER, 1975, p. 160).

Assim, é interessante notar que o Eu conterà aquilo que se sabe dele mesmo, porque ficou representado sobre a história que pode contar sobre si e aquilo que foi excluído do seu saber, aquilo que ele ignora. O critério para esta aceitação dos enunciados ou repressão está na constituição do projeto identificatório, que de acordo com Violante (2001, p. 56) “corresponde ao ideal do ego, na teoria freudiana”.

É neste sentido, que o trabalho de construção, no tratamento psicanalítico, faz-se importante, já que busca, conforme Aulagnier (1990a, p. 106) “[...] interrogar uma encenação fantasística, efeito da estrutura do desejo e das leis que a governam”. É o exercício do Eu em questionar a si mesmo em sua realidade, buscando oferecer sentido ao vivido. Para isso, lança-se mão dos referenciais identificatórios que, por sua vez, serão uteis para que o analista possa buscar o entendimento sobre a estrutura da fantasia e da vida pulsional do sujeito que levam à satisfação. A autora explica o raciocínio complementando que o analista, por meio de seu discurso visando a construção da história do Eu do paciente, possibilita ao sujeito a atribuição de sentido a conteúdos que pareçam insignificantes ou dotados de grande significância de lembrança encobridora, mas que sofrem distorções do desejo. É, então, a tarefa de construção, voltada ao (re)encontro do ‘fragmento de verdade’ pertencente à história do conflito pulsional, sendo ele próprio o fundamento da estrutura psíquica (AULAGNIER, 1990a, p. 106).

A fim de realizar um trabalho reconstrutor do Eu do analisando que se oferece ao processo analítico, propomos utilizar a técnica da “linha do tempo”, na tarefa de anamnese, como um exercício em que o psicoterapeuta orienta o paciente ao contato com os possíveis

enunciados identificatórios que fizeram parte da constituição do Eu, e que podem ser acessados no presente, para então, o par analítico pensar o futuro.

Sabe-se que há sempre algumas páginas da história pulsional e identificatória que não podem ser rememoradas devido ao caráter primitivo. Destas, só se pode ter acesso por meio do discurso familiar que preencha o que o sujeito não sabe sobre si. Seriam hipóteses que o Eu constrói a respeito de si mesmo, a partir do que se diz sobre ele. Essas hipóteses, de acordo com Aulagnier (1990a, p. 109) são “[...] aquilo que será construído a partir do que se revela no sujeito como efeitos ou cicatrizes dessas primeiras experiências”. E o analista pode ter acesso a esse material a medida em que se explicitam a transferência e as repetições.

Deste modo, a organização da história do Eu do sujeito em uma “linha do tempo”, organizada de modo cronológico, pode auxiliar na rememoração e investigação do material a que não se tem acesso sobre as hipóteses que se pode construir. As lembranças a serem acessadas partem da realidade de construção atual do sujeito e, conforme Silvia Alonso (2011, p. 64) entende, no processo analítico: “O sentido do caminho não é, então, do presente em direção ao passado, mas do construído em direção ao traço no qual o passado manteve-se indestrutível.”.

Tal consideração de Alonso pode remeter à postulação freudiana da tarefa do psicanalista como arqueólogo em “Construções em análise” (FREUD, 1996a). Neste sentido, o intuito da técnica, assim como o da análise não é buscar o passado e tentá-lo explicar no tempo presente, mas colocar lembranças em uma ordenação cronológica para que se tenha acesso ao desconstruído e, com isso, a realidade histórica.

Contar uma história é um exercício de investimento em si mesmo, já que é o exercício de reconhecimento de que o Eu foi “alimentado” por referenciais e possíveis pontos de certeza que lhe garantiram inscrever-se no mundo. Por isso, a importância do relato do paciente na linha do tempo; Alonso (2011, p. 66) destaca ainda que a história que o paciente conta, “[...] é produto da atividade egóica e do processo secundário. Traz em si os efeitos do recalçamento, e seu tempo é o tempo histórico, o da sucessão dos acontecimentos regulados pela cronologia”. É o que se pode contar sobre si mesmo, sobre como o sujeito se reconhece.

Contar sua história é contar sobre sua vida pulsional e identificatória e contar, também, sobre os enunciados que tornaram-se propriedade do Eu. É um exercício de alimentação deste Eu e explicitação sobre a medida em que se encontra inserido adaptado à realidade e as leis culturais.

Para pensarmos sobre o modo como esse Eu se torna explícito nas entrevistas de anamnese, Manonni (1985, p. 103) compara a entrevista com pais de crianças que com uma organização de peças em um jogo de xadrez, onde:

Tudo fica para se fazer mais tarde, mas as personagens puderam ser postas em campo. O que, finalmente, pode ser desenhado é o indivíduo, perdido, esquecido nos fantasmas parentais. O seu aparecimento como ser autônomo, não alienado nos pais, é, em si, um momento importante.

Assim, na entrevista de anamnese de crianças e adolescentes, na qual o primeiro contato pode se dar com os pais, que demandam psicoterapia para o filho, o Eu do sujeito pode ser antecipado, antes de que ele apareça na cena com o analista. Mas é um Eu, um Eu construído por outros que não o sujeito, inserido no enredo, o Eu daquele que tem uma história passada, presentificada, seja ela qual for e que oferecerá ao analista bons indícios sobre a forma como pode ser contada, sobre as personagens e suas funções nesta trama.

O Eu é o signatário das identificações, de sua história, e passa a ser o redator de um compromisso identificatório a partir do momento que reconhece-se como separado dos outros. Em um primeiro momento, poderá utilizar-se das figuras parentais como apoio à esta instância em formação, porém, a saída da infância exigirá que o Eu passe a tomar para si toda a responsabilidade “[...] do prosseguimento das negociações comportadas pela relação entre si e a realidade, entre seus desejos e dos outros, entre o que pensa ser e seus ideais.” (AULAGNIER, 1990b, p. 188). Passam-se a ser escritas as cláusulas conclusivas, imóveis, garantindo a não alienação deste Eu no registro simbólico, ou seja, garantindo o reconhecimento da dimensão temporal bem como do sistema de parentesco.

O compromisso que assegurou, até então, a coexistência do Eu desta criança e seu meio familiar oferece suporte para que este possa, a partir daí, coexistir com o meio extra-familiar bem como com o compromisso de outros Eus que irá encontrar ao longo de sua

vida. É a partir destes conteúdos do que se diz sobre o Eu que o analista poderá observar sobre o modo de o paciente se relacionar com os possíveis conflitos existentes.

Explico melhor destacando que Aulagnier (1990b) entende que todo o compromisso assumido pelo Eu compreenderá sempre uma forma de defesa que, *a priori* é “emprestada do arsenal neurótico”, já que a potencialidade neurótica pode ser encontrada em todos, mas que dependerá da forma como será utilizada quando houver conflito. Nas palavras da autora:

[...] o conflito identificatório no registro da neurose não põe em perigo certas referências temporais, certas balizas de sua história libidinal, que permitem ao Eu reconhecer-se naquilo que ele se torna, apesar daquilo que de si mesmo e de seus objetos se modifica, se desgasta, se perde, ao longo do caminho e apesar, a contrário, da pressão à flor da consciência de seu desejo e de seu amor infantis. (AULAGNIER, 1990b, p. 189).

Neste sentido, na neurose há um princípio essencial de permanência, de presença dessas balizas da história libidinal do sujeito, transmitidas pelos primeiros cossignatários deste. Por outro lado, na psicose, isso não ocorre, tendo sua garantia de singularidade não reconhecida.

A investigação sobre o que esse sujeito pode dizer sobre seu próprio Eu faz-se, neste sentido importante ao par analítico. A dimensão de temporalidade e o modo como o analisando pode explicitar sobre a ordem familiar relacionam-se diretamente com a sua potencialidade neurótica, psicótica ou polimorfa.

É importante ressaltar que, a realidade apresentada pelo sujeito que inicia processo analítico bem como a relação que estabelece com a temporalidade e a lei cultural encontra-se intimamente relacionada às identificações deste e, por isso, também, ao modo como foi vivida a experiência da castração, no final da infância e inserção (ou não) deste Eu no registro simbólico. De acordo com Aulagnier (1975, p. 159): “Castração e identificação são as duas faces de uma mesma unidade, e uma vez o Eu constituído, a angústia ressurgirá cada vez que as referências identificatórias oscilam”.

A angústia é sempre identificatória e não há como furta ao Eu essa experiência. Não há como impedir essa oscilação nos referenciais, por isso, não há como não viver a angústia de identificação/castração, por mais que se tente recusá-la ou mentir sobre sua existência,

“a angustia de castração é o tributo que todo sujeito paga a esta instância que se chama o Eu, e sem a qual ele não poderia ser sujeito de seu discurso.” (AULAGNIER, 1975, p. 159).

A medida em que o Eu se faz sujeito de seu discurso, vai demonstrando força, já que é tarefa sofrida ultrapassar a experiência fundamental e renunciar aos objetos que serviram de suporte para a libido objetal e libido narcísica. Objetos estes que lhe permitiram reconhecer a si mesmo e nomear os objetos desejados por ter (AULAGNIER, 1975). Eis o difícil movimento de acesso ao projeto identificatório, o de construir respostas a si mesmo a cada vez que pergunta quem se é e o que poderá ser. Nos dizeres de Aulagnier (1990a, p. 216), o projeto identificatório contém a constatação de um espaço temporal, esse “espaço que separa o ‘aqui e agora’ do ‘lá e então’ é concebido como tempo necessário para o retorno de um ‘lá atrás e outrora’”. Neste sentido, contém uma renúncia atual com a esperança de um encontro com um passado que poderá ser reencontrado e, nesta esperança, está contido aquilo que o sujeito oferece a sua demanda identificatória, que tem se construído desde o período pré-genital.

O projeto sofrerá ajustes a cada momento que os referenciais identificatórios se abalarem. A constatação do tempo que passa pode ser uma fonte destas constatações, pois oferece a percepção de que algumas expectativas que o Eu passado alimentou para o futuro não necessariamente estão sendo encontradas no presente e, possivelmente, não se encontrarão no futuro. É a constatação de que este Eu, com maior ou menor plasticidade, não venceu as barreiras do conflito, da dor e da insatisfação, e ainda e será condenado a investir.

À medida em que o Eu formula ideais a si mesmo, percebe que é necessário investir em si. Como se tivesse que se alimentar para ficar forte. E à medida em que se investe, o Eu mais e mais cultiva e valoriza o anseio de tornar-se outro, em um movimento que “[...] se projetará num outro projeto e assim por diante num remetimento sem fim.” (AULAGNIER, 1990a, p. 219).

É necessário observar, também, a necessidade de um certo distanciamento entre este Eu e o projeto. Esta distância garante que o sujeito não fique alienado a fantasia do projeto e que possa, com isso, construir enunciados identificatórios. Sendo assim, o ajuste ao projeto é um dos pontos mais importantes a serem observados na anamnese.

No sujeito neurótico, apesar de bem estruturado o edifício identificatório, com o distanciamento mínimo entre Eu e projeto, o conflito apresentado se situa como uma contradição entre “[...] o Eu atual e o que ele deseja ou proíbe tornar-se [...]” (AULAGNIER, 1984, p. 26). Sendo assim, há um desajuste entre o modo como se reconhece e o desejo, já que sofre com a imposição de limites da castração. O sofrimento reside neste desajuste. Já na psicose, o sofrimento reside na incerteza com relação ao futuro, pois “[...] o projeto se dissolve para dar lugar ao que se poderia chamar o anteprojetado [...]” (AULAGNIER, 1990a, p. 219). Neste caso, o passado torna-se mera repetição do presente, sendo a construção é um delírio de sua história. Nas patologias polimorfas, há uma oscilação entre a neurose e a psicose, por isso, deve-se investigar acerca dos dois tipos de conflitos possíveis.

Neste sentido, é importante incluir, na linha do tempo uma investigação sobre o que o sujeito pode dizer sobre seu futuro, qual planejamento consciente pode fazer e contar ao analista. Não é raro, por exemplo, deparar-se com sujeitos que apresentem estrutura psicótica com relatos *ipsis litteris* de histórias como das personagens de novelas, filmes ou romances. Quando estes são perguntados sobre o que podem esperar de seus futuros, sentem-se em um grande vazio ou citam desejos fantasiosos, com muito pouca possibilidade de realizarem diante de sua história passada e presente, como por exemplo, casarem-se com atores de *Hollywood* ou tornarem-se empresários bem-sucedidos sem nunca ter empreendido.

Esta exposição me remeteu a importância de fazer um pequeno excerto, que pode ser útil para a técnica. Quando supervisiono um caso de psicose em paciente adulto ou outra patologia que pareça trazer inibição na apresentação do discurso falado, sugiro ao psicoterapeuta utilizar-se de atividades que muito se aproximam das atividades lúdicas, utilizada na aplicação da “linha do tempo” com crianças. Comecei utilizando em meu trabalho em consultório e, como obtive bons efeitos, sugiro aos estagiários as mesmas atividades. Um exemplo destas atividades pode ser citada como “desenho sobre si mesmo” ou atividade de “colagem” (explicarei sobre estas técnicas com maiores detalhes no item “metodologia”).

Aulagnier (1975, p. 156) entende que o projeto “é a construção de uma imagem ideal que o Eu se propõe a si mesmo, imagem que poderá aparecer num espelho futuro, como o



reflexo daquele que olha”. Neste sentido, o exercício de colocar-se na frente do espelho para enxergar seu reflexo pode se dar pela via do desenho ou da exposição de imagens que o sujeito escolhe para compor o que diz sobre si. O sujeito é levado a pensar em palavras e imagens.

## 2 HISTÓRICO DA TÉCNICA

A partir das bases do entendimento sobre a anamnese realizada em processos psicodiagnósticos e clínicos em geral, observei que quando o paciente era direcionado a “construir” sua história respeitando uma ordem temporal, o conhecimento sobre sua história de vida e sua história clínica tornavam-se mais integrados. Além disso, para o terapeuta, a percepção do modo como esse paciente realiza essa construção torna-se de suma importância para a detecção dos mecanismos neuróticos, psicóticos ou polimorfos em seu funcionamento mental. Isso porque a temporalidade é uma das dimensões essenciais para a aceitação da castração, conforme Freud cita e Aulagnier desenvolve em suas contribuições metapsicológicas a partir da análise com psicóticos.

Esta técnica foi desenvolvida durante a minha experiência como psicóloga clínica de orientação psicanalítica em serviço público e privado, e depois ampliada com o *feedback* dos estudantes e com a experiência em supervisão clínica em estágio e em consultório particular. Desde o início da atividade clínica, percebi sobre a necessidade de construção de uma história orientada por um tempo cronológico, porém, não poderia me estender ou direcionar excessivamente esta etapa do processo terapêutico, pelo contrário, percebia que deveria oferecer ao paciente a condição de trazer ao momento presente o que “escolhesse” lembrar-se. Neste sentido, o direcionamento das lembranças, à pedido do terapeuta, corriam o risco de facilitar a resistência e impedir a recordação que, possivelmente, nos levaria à busca por um trabalho de elaboração.

De fato, a resistência de alguns pacientes para a recordação de algumas etapas de suas histórias de vida, com a fala explícita, como por exemplo: “– Não adianta me perguntar sobre a infância, não me lembro de nada” ou “– Não me lembro muito de fatos muito antigos”, me suscitou a percepção de que haveriam conflitos altamente importantes,

possivelmente com grande carga de afeto que sofreram com o mecanismo do recalçamento. Neste sentido, ao escutar esse tipo de discurso dos pacientes, pude investigar que havia algo que não poderia ser lembrado, sob a pena de trazer grande sofrimento. E esta negação à possibilidade de lembrar-se do sofrimento também é material que se pode ser investigado por meio do uso da técnica.

Em conjunto a isso, é possível destacar que o uso desta técnica pode propiciar ao paciente e ao terapeuta a escuta da construção de sua história, buscando realocar os conteúdos em seu período que aconteceu e propiciando ao paciente, a partir da escuta de sua própria história, a percepção da possibilidade de reconstrução dos conteúdos que haviam ficado submersos, esquecidos. Propicia-se a integração, pois coloca o conteúdo antigo na cadeia associativa. Tem-se acesso à possíveis conteúdos fantasiosos e de outra ordem, oferecendo bom indício, ao terapeuta, sobre o modo de funcionamento psíquico do paciente.

Quando passei a orientar o uso dessa ferramenta, como supervisora, no processo de estágio em clínica psicanalítica breve, percebi que, ao estagiário, realizar uma construção de “linha do tempo” com o paciente facilitava-o para a compreensão de sua história e, a partir disso, tornava-se mais clara a possibilidade do levantamento de hipóteses sobre aspectos que ficaram confusos ou obscuros, a partir do discurso do sujeito.

### **3 METODOLOGIA**

Esta técnica de aplicação do método psicanalítico pode ser realizada por psicanalistas e por estudantes de psicologia em processo de psicoterapia breve ou psicoterapia ou análise sem tempo estipulado de duração.

A recomendação é que se aplique a “linha do tempo” na segunda sessão, pois sugiro que a primeira seja destinada à escuta da queixa clínica e do estabelecimento do contrato terapêutico. Esta recomendação é feita para se evitar que o paciente aprofunde seu conhecimento sobre o sofrimento, já que, no primeiro contato com o psicoterapeuta não há certeza de um lado e do outro de que se iniciará um processo de psicoterapia.

Normalmente, se aplica a linha do tempo com sujeitos que se encontram em um momento de estruturação do pensamento em que se baseia na fala, na construção do discurso falado. Por isso, indivíduos que se encontram a partir do período da puberdade, por volta dos 13 anos ou mais (sem idade limite para aplicação), são os mais indicados. Em crianças ou pré-pubescentes, essa técnica pode ser utilizada de modo adaptado à capacidade de construção do discurso falado que este sujeito pode apresentar. Feito deste modo, tende-se a evitar a ansiedade e a ativação de mecanismos de persecutoriedade ou sentimento de incapacidade, que seriam altamente danosos para o processo de entrevistas e para a construção do vínculo terapêutico que se está desenvolvendo neste momento.

A forma de adaptação utilizada para as crianças e pré-pubescentes será apresentada mais adiante, após a exposição prática da técnica proposta.

A técnica de investigação denominado de linha do tempo, foi assim nomeado por servir com a finalidade de uma linha, um fio, um cordão, que pode apresentar nós e quebras, em determinados momentos. Porém, a ideia é que o paciente entre em contato e possa permitir, aos poucos, que o terapeuta acompanhe sua linha de raciocínio, a linha de sua vida, conforme vai se mostrando.

Sendo assim, para direcionar esta construção e partindo da concepção freudiana de que o processo analítico tem o intuito de propiciar ao paciente relembrar, recordar, aquilo que, por alguma razão e sob efeito do recalque estava esquecido, o terapeuta realiza uma subdivisão dos acontecimentos, orientando ao paciente, em momento de anamnese, que diga, o que lhe vier a mente (sejam estas lembranças boas ou ruins), de acordo com o seguinte critério:

### 3.1 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 0 aos 5 anos de idade

Evita-se que se oriente para destacar uma lembrança dita “boa” ou “ruim”, o psicoterapeuta, quando indagado pelo paciente sobre isso, responde que esse critério é uma escolha dele. Isso porque, ao direcionar o paciente para uma lembrança previamente julgada como boa ou ruim, o psicoterapeuta limitaria o paciente de sua liberdade quanto a construção e significado das experiências valiosas.

Não podemos deixar de considerar, que aquilo que é destacado pelo paciente é o conteúdo possível de acessar naquele momento, mas que pode oferecer bons indícios sobre a forma como se comporá sua linha do tempo de vida.

Normalmente, as pessoas tendem a não lembrarem mais do que meros “flashes” deste período, porém, o psicoterapeuta orienta que ele diga sobre o que sabe, seja pela via do discurso de outro, seja esses próprios flashes de memória que possam ocorrer. Assim, tem-se acesso a realidade histórica do analisando.

Este período foi subdividido desta forma para que se investigue, junto ao paciente, o que é possível a ele contar sobre sua pré e história edipiana, até os momentos finais do complexo de Édipo e o surgimento dos seus herdeiros. Tem-se acesso, com isso, ao que o sujeito conta sobre o desejo dos pais, sobre sua inserção nesta família, sobre as fases psicosexuais, as identificações iniciais do sujeito e à formação do projeto identificatório.

Acredito ser importante explicitar que o analista em sua escuta deve considerar o discurso do paciente como verdadeiro. A “presunção de inocência”, conforme Aulagnier postula, é condição essencial para que se desenvolva escuta analítica e, do lado do paciente, se instale a transferência, para que então se possa investigar os meandros do discurso que se apresenta, sobre este Eu que se apresenta em análise. Não se deve perder de vista que “quando o ‘ego’ fala, ele demanda [...]” (AULAGNIER, 1990a, p. 194) e não há demanda se não houver respondente. Sendo assim, a tarefa do analista é a de escuta da demanda, de oferecer sentido ao que esta demanda enuncia e este sentido, pode ser oferecido também a medida em que se oferece uma possibilidade de organização temporal. O modo como o paciente conta sobre o que conhece desse período e o que “escolhe” destacar ao psicoterapeuta também, de maneira importante, vai oferecendo ao terapeuta os mecanismos de defesa de outros mecanismos psíquicos utilizados.

### 3.2 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 6 aos 11 anos de idade

As lembranças relativas a essa fase compõem aquelas relacionadas ao período posterior a fase fálica e ao possível modo de resolução do complexo de Édipo. O que foi

vivido no período de latência e suas mudanças relativas à pré-puberdade são recordados nesse momento.

Diante disso, os psicoterapeutas podem investigar sobre como foi sendo construída a afetividade, os investimentos libidinais em pessoas e atividade fora do meio familiar, o modo como constituiu referenciais identificatórios e seus ideais, a partir do desenvolvimento da autonomia psíquica e física.

Lembranças sobre o ingresso no mundo escolar, sobre a responsabilidade e disciplina do mundo de estudante, sobre os professores como referenciais identificatórios substitutos das figuras parentais fazem parte das lembranças mais comumente expostas. Por outro lado, situações relativas à independência da criança em relação aos cuidados recebidos pelos adultos e mudanças de percepção sobre as figuras parentais também são comuns de serem lembradas.

Nesta fase, os referenciais identificatórios oscilam a medida em que o sujeito se depara com a tarefa de selecionar e apropriar-se de alguns elementos que comporão seu “fundo de memória” (AULAGNIER, 1991). Este é composto pela construção da biografia do sujeito, a construção de um tecido que tem a função de fornecer asseguramento para o sujeito de que:

[...] o modificável e o inexoravelmente modificado de si mesmo, de seu desejo, de suas escolhas, não transformem aquele que ele se torna em um estranho para aquele que foi, que sua ‘mesmice’ persista nesse Eu condenado ao movimento e, por isso, à sua automodificação permanente. (AULAGNIER, 1991, p. 443).

O que se é permitido manter e o que se deve mudar vai sendo vivido pelo sujeito tanto no registro relacional quanto no identificatório.

### 3.3 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 12 aos 17 anos de idade

Nesta etapa, marcada pela puberdade, as lembranças relativas à socialização e ao investimento libidinal em objetos externos a situação familiar são os mais frequentes. As recordações deste período também levam o sujeito a construir sobre eventuais conflitos

com figuras de autoridade (pai e mãe, fundamentalmente) e sobre os primeiros objetos amorosos próprios da etapa genital.

É interessante, ao psicoterapeuta notar, contextualizando sobre o que foi destacado acerca das duas fases anteriores, o modo como o paciente relata o estabelecimento dos relacionamentos amorosos e de amizades nesta época.

É importante notar que as experiências vividas nessa etapa e nas posteriores, são mais carregadas de detalhes no discurso dos pacientes. A hipótese levantada é que em etapas posteriores ao Édipo, o Eu adquire condições de inscrever o representado por uma via mais inteligível, pela via da palavra que pode ser dita (característica do processo secundário). Por essa razão, inclusive, que possíveis inibições ou dizeres dos pacientes sobre a impossibilidade de lembrar-se sobre essa ou outras fases devem ser levadas em consideração.

Assim, também, deve-se considerar fortemente o discurso e sua capacidade de inscrição na organização temporal, bem como a afetividade despertada no paciente quando este relembra o fato que escolhe destacar. A posição identificatória do sujeito fica mais evidente nesta etapa. Aulagnier (1991, p. 445) entende que na tarefa do sujeito em escrever sua biografia durante a adolescência pode-se destacar dois momentos, o momento inicial que diz respeito à “[...] organização do espaço identificatório e da conquista de posições estáveis e seguras a partir das quais o sujeito poderá mover-se sem o risco de se perder”. Isto significa que o Eu fará o exercício de ocupar posições distintas de modo a experimentar em que medida e de que forma pode circular e em que medida terá que garantir o espaço de permanência da singularidade histórica e de seu desejo, para que não psicotize. A forma como o Eu do sujeito realiza essa tarefa oferece bons indícios sobre as possibilidades de posição neurótica, psicótica ou polimorfa.

#### 3.4 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 18 aos 24 anos de idade

É interessante que o terapeuta, caso seja indagado pelo paciente, sobre se pode destacar mais do que uma lembrança, possa responder que há liberdade para ele expor quantas lembranças achar necessário. Entendo que o levantamento de mais do que uma

lembrança possa estar, na maioria das vezes, significando um alívio para a ansiedade decorrente da relebrança sobre sua história pulsional e identificatória.

Nesta fase, em específico, o paciente adulto tem condições de destacar o investimento em objetos relativos à fase adulta. Por essa razão, escolhi dividi-la a partir dos 18 anos, por tratar-se da idade em que inicia-se a fase adulta do sujeito, com concessões de direitos e estabelecimentos de deveres próprios, concedidos pela sociedade, a partir desta idade.

Em contextualização com as fases anteriores, pode-se compreender o modo como esse sujeito se insere no mundo social a partir do estabelecimento de seus referenciais identificatórios. Sendo assim, as lembranças mais comuns são aquelas relacionadas ao estabelecimento de vínculos amorosos e de amizades bem como sobre a escolha profissional, a possível entrada na universidade, a habilitação para conduzir veículos, a busca pela independência afetiva dos pais, entre outras situações que marcam essa etapa.

Para Aulagnier (1991, p. 445), a entrada na fase adulta é um segundo tempo do movimento temporal de transformação que a psique se confronta, segundo a autora, essa etapa “[...] incide de forma privilegiada sobre o espaço relacional e, portanto, sobre a eleição dos objetos que poderão ser suportes do desejo e da promessa de gozo.” Observa-se, com isso, os possíveis ajustes ao projeto, que poderão ser feitos de acordo com a constituição do recalado do sujeito.

### 3.5 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 25 aos 30 anos de idade

Esta fase foi assim dividida por se tratar de um período em que o jovem adulto apresenta-se, do ponto de vista social, produtivo e com algumas resoluções no que tange à escrita de sua biografia. Entre os 25 e 30 anos, o Eu do sujeito pode ter vivido tempos distintos em sua história de vida. A cobrança social para a inserção deste sujeito no mercado de trabalho bem como de definição dos relacionamentos afetivos geram alguns impactos na constante construção deste Eu, a partir da realidade cultural.

Alguns pacientes neuróticos, nesta idade, trazem como questões principais a dúvida quanto à escolha profissional que fizeram e um certo receio de terem feito escolhas

inadequadas. Não raro, estas escolhas, mesmo que conflitivas, trazem retorno financeiro e independência diante dos pais. Do ponto de vista social, espera-se que o jovem adulto possa assumir responsabilidades com maior entendimento sobre as consequências de suas escolhas, tanto no que tange à produtividade quanto com relação às relações afetivas. É interessante observar o modo como o projeto identificatório do analisando se apresenta neste momento da história, uma vez que “[...] o que o Eu pensa ser, deve revelar um ‘a menos’ sempre presente, em relação ao que ele deseja tornar-se.” (AULAGNIER, 1975, p. 157). Neste sentido, o modo como esse sujeito lida, nesta fase, com a constatação de que o Eu passado é diferenciado do Eu presente, e corroboram a investigação das fases anteriores, oferecendo bons indícios sobre o que se poderia esperar de investimento no Eu futuro.

### 3.6 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 31 aos 40 anos de idade

A partir dessa fase, o método pode ser aplicado com lembranças a cada década, já que as recordações não se propõem propriamente a compreender sobre a constituição da personalidade do sujeito ou estabelecimento de relacionamentos afetivos que marcam os momentos iniciais da vida pulsional e identificatória. Neste momento, o analista já pode obter uma boa ideia sobre os mecanismos psíquicos utilizados pelo paciente, sobre a transferência, as repetições, sua relação com a temporalidade e sobre a construção da linha biográfica do sujeito. O psicoterapeuta já consegue perceber sobre os fatos essenciais que originam as escolhas autônomas ou não do sujeito.

Além disso, a rememoração da biografia dividida por décadas oferece liberdade para o exercício que, neste momento, o paciente já aceitou realizar em conjunto com o analista. Dependendo da forma como o paciente expõe suas memórias (utilizando de um discurso mais ou menos detalhado), recomenda-se reservar duas ou mais sessões para a rememoração do vivido.

Neste exercício de recordação, pode-se perceber que a partir do momento em que o sujeito ingressa na fase adulta, o projeto identificatório e o Eu se confrontarão com questões não iniciais da constituição do sujeito. As perdas e transformações de enunciados



identificatórios permanecerão por toda a vida e este Eu pode em maior ou menor forma adaptar-se à realidade vivida.

Nesta fase, do ponto de vista social, espera-se que o sujeito insira-se no campo produtivo – do ponto de vista do psiquismo, quanto maior a capacidade de sublimação, também pode-se pensar em maior capacidade de estar adaptado à cultura – e de investimento na vida afetiva. O conflito neurótico pode estar presente à medida em que pode haver um desajuste entre este Eu e os ideais identificatórios endereçados a si.

### 3.7 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 41 aos 50 anos de idade

Nesta fase, os pacientes tendem a destacar lembranças relativas à vida familiar e produtiva. Separações e mudanças na vida do trabalho são recordações recorrentes. Isso porque, em geral, por volta dos 50 anos, há uma tendência a avaliação geral das escolhas de vida e da construção do percurso realizado por esse sujeito. Isso pode estar trazendo sofrimento e, não raro, pode ser o que leva o indivíduo à busca do processo analítico.

Neste ponto, é interessante destacar que, conforme Aulagnier postula, quando do advento do projeto identificatório, ao final da infância, o Eu deve assinar um compromisso com o tempo, “[...] ele renuncia fazer do futuro este lugar no qual o passado poderia retornar, aceita esta constatação, mas preserva a esperança de que, um dia, este futuro lhe devolverá a posse de um passado, tal qual ele o sonhou.” (AULAGNIER, 1975, p. 157). Destaco retomando este ponto porque pretendo explicitar que neste período, e nos posteriores, o sujeito terá que se deparar com transformações e modificações do lugar que ocupa e isto inclui, também, a partir de então, a constatação das limitações físicas. A percepção do envelhecimento físico pode ser um fator conflitivo que confronta o sujeito com a finitude da vida e, por isso, é importante ao psicoterapeuta, atentar-se à forma que se deu a posse do passado que o Eu deste sujeito sonhou.

3.8 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 51 aos 60 anos de idade

Nesta fase, como na fase anterior, o Eu se defronta (mas agora com maior intensidade) com as limitações do corpo físico. Há, por um outro lado, uma tendência à transformação dos ideais decorrentes do possível ajuste que o projeto terá que realizar. O psiquismo terá agora que se defrontar com o luto, com as questões relacionadas à finitude, de um modo mais próximo. Algumas questões que podem levar ao pensamento de questões como essa, geralmente, na clínica, estão relacionadas à proximidade da aposentadoria, o envelhecimento, morte dos pais e ausência dos filhos.

3.9 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 61 aos 70 anos de idade

Nesta fase, percebo que intensificam-se as questões relacionadas aos filhos e conflitos familiares. Também tornam-se mais evidentes conflitos relacionados ao dinheiro da aposentadoria, às dificuldades aparentes no corpo e a possibilidade de executar alguns planos que não foram possíveis ao longo da história de vida. As lembranças, geralmente, estão voltadas ao cuidado, por parte das mulheres, de seu marido, filhos e netos e ao homem, ao relacionamento com a esposa, à perda da força física e adequação à aposentadoria.

Tais movimentos aproximam o sujeito à questões relativas à morte, característica da envelhescência. A este respeito, Freud (1996b), em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* escreve ser impossível a nós imaginar a própria morte, já que sempre que fizermos essa tentativa nos colocaremos como espectadores da situação. Neste sentido, os sujeitos não creem em sua morte, mas sim, inconscientemente, na imortalidade.

Neste sentido, Freud atenta para esse ajuste necessário que a realidade impõe ao sujeito realizar. O investimento na vida, com a promessa de retomada do Eu passado que se teve que renunciar, passam, agora, diante da realidade de aproximação da morte, deve ser revista. Talvez aí resida o maior conflito do sujeito, por isso, não raro, há o investimento de

pessoas nessa idade em questões religiosas e espirituais, pois podem facilitar na diminuição da angústia frente ao desconhecido que se avizinha.

### 3.10 Qualquer lembrança que puder destacar sobre seu período de vida dos 71 aos 80 anos de idade

Nesta fase, apresentam-se relacionados à família e a perda da autonomia pelas limitações do corpo. Conflitos como a dependência de cuidados e a perda da capacidade de decisão na família são aparentes. Constatar o envelhecimento físico pode ocasionar uma espécie de vergonha de seu próprio corpo, o que pode levar a evitação do espelho que o olhar do outro, imaginariamente, lhe devolve. Neste sentido, com dificuldades na elaboração das perdas que lhes apresenta, é possível que o idoso retire-se de cena, melancolicamente, passe a se retirar da vida ainda em vida (PERES, 2004).

Porém, perante a crueldade do tempo diante do Eu do sujeito, é possível que se desenvolva uma certa esperança, que se preserve o investimento libidinal em algo que traga sentido a existência. Com essa esperança, “[...] o envelhecer pode ser vivenciado como conjugação de habilidade exercidas no passado com a capacidade de manter atuais os sentimentos e experiências de amor, amizade, solidariedade, possibilitando o despertar e o sustentar o movimento criativo.” (ROCHA, 2011, p. 200). E este pode e deve ser o intuito da análise, como um trabalho de Eros.

É interessante notar que se aplica esse método para extrair lembranças até os dias atuais do paciente. O psicoterapeuta é orientado para quando chegar com a linha do tempo até as lembranças atuais, posicionar o paciente na atualidade e perguntar como ele se vê na atualidade. Em seguida, orienta-se a questionar o paciente quanto à possibilidade de investimento em um Eu posterior. Cuidadosamente, sugiro que leve o paciente a pensar sobre seu Eu futuro.

### 3.11 Sobre a técnica da linha do tempo com crianças, pré-pubescentes, psicóticos ou sujeitos que apresentem inibição no discurso falado

Esta técnica de investigação na anamnese pode ser aplicado com crianças que iniciam psicoterapia e podem utilizar a palavra para a comunicação. Em idades anteriores a 11 ou 12

anos, geralmente, as crianças se sentem mais à vontade para comunicar sobre seus sentimentos por meio de atividades lúdicas, como com brinquedos selecionados e utilizados em psicoterapia infantil, conforme proposto por Aberastury (1982). Neste sentido, a linha do tempo pode ser realizada com os pais, na ocasião da anamnese e na entrevista com a criança, por meio da comunicação pelo brinquedo. Sendo assim, sugere-se que o psicoterapeuta demande a criança que possa representar em desenho ou com brinquedos (bonecos ou outros) o que ela poderia dizer sobre como era dos 0 aos 5 anos, dos 6 aos 11 e assim sucessivamente. Costumo sugerir o “desenho sobre si mesmo”, ou seja, que ela desenhe como seria uma fotografia dela nas idades indicadas. Pode-se pedir que coloque essa “fotografia” em um contexto como se fosse uma personagem de uma história a ser criada em conjunto com o psicoterapeuta.

Caso o analista perceba alguma inibição da criança quanto à esta demanda, pode sugerir que se crie uma história, utilizando a linha do tempo, com algum personagem (de desenhos animados, videogame, histórias em quadrinhos) do universo de conhecimento da criança. Acredito que desta forma, a criança ou o pré-púbere tem acesso ao exercício do seu Eu a partir da construção de sua própria história pulsional e identificatória, bem como ao valioso acesso ao projeto.

Uma outra atividade possível de ser utilizada com crianças, pré-puberes, psicóticos ou sujeitos que apresentem inibição é a de “colagem”, que trata-se de disponibilizar ao paciente revistas de diversas temáticas e uma cartolina. Bem ao centro da cartolina, é desenhado, pelo terapeuta, uma grande figura humana (opcional, somente em casos de grande comprometimento na organização temporal e da realidade, faço este desenho) e sugere-se, em seguida, que o paciente vá incluindo na cartolina em branco ou, se houver o desenho, nas partes do corpo que perceber coerente, imagens que ele encontra nas revistas. Pede-se que o paciente comente sobre o motivo da escolha de cada figura.

#### 4 CONCLUSÃO

A técnica da linha do tempo, nos moldes que tenho aplicado desde o início de minha prática como psicoterapeuta psicanalítica nos serviços de atendimento clínico público e

privado, tem oferecido bons resultados no que tange ao conhecimento sobre a história pulsional e identificatória dos pacientes.

A organização sistemática limitada no tempo, permitem aos sujeitos terem acesso a suas construções e aos aspectos de repetição de suas histórias de vida. Além disso, há uma tendência ao entendimento, a ressignificação de questões relativas à construção do Eu e do projeto que podem ter seu acesso facilitado.

Nas experiências de supervisão de estagiários na clínica Universitária há também o relato de facilitação da compreensão por parte do psicoterapeuta iniciante e do aspecto terapêutico de elaboração que tal técnica possibilita. Os movimentos psíquicos tornam-se mais claros, são trazidos ao consciente, de modo a despertar o investimento libidinal, na maioria das vezes, ao sujeito sobre si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança: teoria e técnica**. Porto Alegre: Artes médicas, 1982.
- ALONSO, S. L. **O tempo, a escuta, o feminino: reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- AULAGNIER, P. **A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer: alienação – amor – paixão**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- AULAGNIER, P. Construir(se) um passado. **Psicoanálisis**. Buenos Aires, v. 13, n. 3, p. 441-468, 1991.
- AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido – I**. Tradução: R. Steffen. São Paulo, SP: Escuta, 1990a.
- AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido – II**. São Paulo: Escuta, 1990b.
- FREUD, S. Construções em análise. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 23, p. 275-287.

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 91-117.

MANONNI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

PERES, M.R.S. O homem e as marcas do tempo. *In: MONTEIRO, D.M.R. (org.). Dimensões do Envelhecer*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 67-82.

ROCHA, F. J. B. Seminário 10. Entrevistas preliminares com madame x ou “a criança presente”: sobre a psicanálise e o idoso. *In: ROCHA, F.J.B. (Org.). Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011. p. 189-210.